

A QUESTÃO ESPACIALIDADE EM LIBRAS E OS CONCEITO DE ORIENTAÇÃO E REPERTÓRIO ESPACIAL EM CANAGAJARAH: contribuições para o registro

Karine Albuquerque de Negreiros¹
Alexanda Ayach Anache²
Ruberval Franco Maciel³

RESUMO

Os recentes trabalhos de Canagarajah caracterizam o conceito de orientação espacial a luz da translanguagem, o autor discute o registro de elementos semióticos e multimodal de bilíngues de línguas orais. Considerando a característica viso-espacial da língua brasileira de sinais e os desafios da escrita do Português pelos surdos vislumbramos a possibilidade da descrição do conceito para línguas de diferentes modalidades. O objetivo deste trabalho consiste em discutir o conceito de orientação e repertório espacial em um diálogo com os elementos espaciais da gramática da Libras. Assim, é uma pesquisa bibliográfica centrada no estudo de Canagarajah (2017), mas trazemos para o diálogo outros autores que contribuem com o tema proposto, sendo eles Brito (1995); Silva e Cavalcanti (2007). Os dados construídos apontam que a orientação espacial na translanguagem acomoda práticas comunicativas que incluem repertórios espaciais mais expansivos, podendo ser um caminho percorrido para o registro escrito de surdos bilíngues, uma vez que suas estratégias linguísticas encontram analogia nas mencionadas na pesquisa de Canagarajah (2017). O texto faz parte da tese de doutorado em Educação e traz contribuições dos dados construídos no período de campo.

Palavras-chave: Orientação espacial. Translanguagem. Espacialidade da Libras.

THE ISSUE OF SPATIALITY IN LIBRAS AND THE CONCEPT OF ORIENTATION AND SPATIAL REPERTORY IN CANAGAJARAH: contributions to the record

ASBTRACT

Canagarajah's recent works characterize the concept of spatial orientation in the light of translanguaging, the author discusses the registration of semiotic and multimodal elements of bilinguals of oral languages. Considering the visual-spatial characteristic of the Brazilian sign language and the challenges of writing Portuguese by deaf people, we envision the possibility of describing the concept for languages of different modalities. The objective of this work is to discuss the concept of orientation and spatial repertoire in a

¹ Doutora em Educação – FAED/ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Mestrado em Letras – UEMS. Professora de Libras – UFMS. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-7849-1151>. E-mail: karine.albuquerque@ufms.br.

² Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano (USP). Professora Titular da Faculdade de Ciências Humanas. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campo Grande – MS – Brasil. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7937-4448>. E-mail: alexandra.anache@gmail.com.

³ Doutorado pela Universidade de São Paulo (USP), Brasil, com período de estudos na Universidade de Manitoba, Canadá. Mestrado em Linguística Aplicada (Universidade de Reading, Reino Unido). Professor na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil. Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-0373-1047>. E-mail: ruberval.maciel@gmail.com.

dialogue with the spatial elements of Libras grammar. Thus, it is a bibliographical research centered on the study by Canagarajah (2017), but we bring to the dialogue other authors who contribute to the proposed theme, namely Brito (1995); Silva and Cavalcanti (2007). The data constructed indicate that the spatial orientation in translanguaging accommodates communicative practices that include more expansive spatial repertoires, and could be a path taken for the written record of bilingual deaf people, since their linguistic strategies are analogous to those mentioned in the research by Canagarajah (2017). The text is part of the doctoral thesis in Education and brings contributions from data constructed during the field period.

Keywords: Spatial orientation. Translanguaging. Spatiality of Libras.

LA CUESTIÓN DE ESPACIALIDAD EN LIBRAS Y EL CONCEPTO DE ORIENTACIÓN Y REPERTORIO ESPACIAL EN CANAGAJARAH: aportes al registro

RESUMEN

Los trabajos recientes de Canagarajah caracterizan el concepto de orientación espacial a la luz del translenguaje, el autor analiza el registro de elementos semióticos y multimodales de bilingües de lenguas orales. Considerando la característica visual-espacial de la lengua de signos brasileña y los desafíos de la escritura portuguesa por parte de personas sordas, visualizamos la posibilidad de describir el concepto para lenguas de diferentes modalidades. El objetivo de este trabajo es discutir el concepto de orientación y repertorio espacial en diálogo con los elementos espaciales de la gramática de Libras. Así, se trata de una investigación bibliográfica centrada en el estudio de Canagarajah (2017), pero traemos al diálogo otros autores que aportan a la temática propuesta, a saber, Brito (1995); Silva y Cavalcanti (2007). Los datos construidos indican que la orientación espacial en la translenguaje da cabida a prácticas comunicativas que incluyen repertorios espaciales más amplios, y podría ser un camino para el registro escrito de las personas sordas bilingües, ya que sus estrategias lingüísticas son análogas a las mencionadas en la investigación de Canagarajah (2017). El texto forma parte de la tesis doctoral en Educación y trae aportes a partir de datos construidos durante el período de campo.

Palabras clave: Orientación espacial. Translenguaje. Espacialidad de Libras.

Introdução

A condição linguística das pessoas com surdez é um campo de profícuo debate há anos, sob diferentes perspectivas e âmbitos pesquisadores, surdos e ouvintes, dedicam-se a compreender e contribuir para formas mais justas de inclusão linguística educacional e educacional desses sujeitos. Ser parte de uma minoria linguística, mesmo que com sua língua reconhecido como meio de comunicação, compreende superar equívocos e lutar todos os dias por uma concepção de língua que de alguma forma contemple sua condição de usuário de outra língua que difere em modalidade, e aprendiz da língua majoritária.

Nas últimas duas décadas alguns autores sobre bilinguismo debruçaram suas discussões a partir de uma abordagem translíngua que consiste, em linhas gerais, em uma prática de uso e ensino de línguas nas quais os bilíngues se engajam para além dos limites rígidos das línguas envolvidas. Segundo García e Li (2014, p.2), podemos considerar a translinguagem como:

Uma abordagem do uso da linguagem, do bilinguismo e da educação de bilíngues que considera as práticas linguísticas dos bilíngues não como dois sistemas de linguagem autônomos, como tem sido tradicionalmente o caso, mas como um repertório linguístico com características que foram socialmente construídas como pertencentes a dois línguas separadas.

O prefixo trans, nesse sentido, acomoda percepções sobre as práticas comunicativas mais móveis, expansivas, situadas e holísticas, segundo Canagajarah (2017). No bojo do avanço das pesquisas sobre translinguagem Pennycook (2017) questiona as fronteiras semióticas entre as línguas propondo a ideia de montagens e repertórios espaciais, no que chamou de paisagem linguísticas⁴. Canagajarah (2017), endossa a discussão com a perspectiva de em uma orientação espacial com base translíngua, ampliando as ramificações da forma como concebemos uma competência linguística.

Considerando a questão espacial da Língua de sinais, bem como a condição dos surdos bilíngues em seus processos comunicativos e de aprendizagem da língua majoritária na modalidade escrita, diante do conceito proposto por Canagajarah (2017) de orientação espacial, emergiram as inquietações que orientam este texto: de que forma a modalidade visual da Libras agrega o conceito de orientação espacial? Quais as contribuições da pesquisa sobre repertórios espaciais para a compreensão das estratégias de escrita dos surdos? Como a língua viso-espacial acomoda e amplia o conceito proposto pelo autor? Assim a lacuna que o texto busca preencher é a descrição de estratégias linguísticas espaciais para além da modalidade das línguas orais, defendendo que apesar das características viso-espaciais singulares da Língua de Sinais ela propõe aos seus usuários as mesmas representações e significados comuns a outros bilíngues.

⁴ Conceito é proposto no texto Translinguagem e assembleias semióticas, que sugerimos a leitura para aprofundamento.

Assim objetivamos discutir o conceito de orientação e repertório espacial em um diálogo com os elementos espaciais da gramática da Libras, sob a hipótese de que essa discussão nos conduza a novas concepções de uso e ensino que possibilitem olhar para a escrita dos surdos, e considerar o conjunto multimodal de recursos semióticos como parte da construção de sentidos e apropriação da língua. Para alcançarmos o objetivo optamos por um caminho metodológico qualitativo, sendo uma pesquisa bibliográfica em um recorte específico dialogado com o texto “Prática translíngua como repertórios espaciais: expandindo o paradigma além da orientação estruturalista”, escrito por Canagarajah (2017), em uma análise comparativa com a espacialidade gramatical da Libras e suas implicações na escrita da língua oral.

O texto está organizado, de forma geral, em três seções que apresentam a discussão a partir de uma ótica de línguas como práticas comunicativas fluidas e dinâmicas. A primeira seção apresenta uma discussão introdutória sobre os desafios dos registros dos elementos espaciais da Libras para a Língua portuguesa e os percursos na vida escolar e social dos surdos. Logo em seguida, a segunda seção descreve sucintamente a espacialidade da Libras e sua importância na estrutura linguística. Finalizamos o texto discutindo os conceitos de orientação e repertório espacial em Canagarajah (2017) e o diálogo com a questão espacial na Libras em um diálogo com as estratégias para registro desses elementos.

Os desafios do registro dos elementos viso-espaciais em Português

Os surdos brasileiros desde o reconhecimento da Libras com meio legal de comunicação vêm buscando um espaço de consolidação linguística e convivência com a língua majoritária. A falta de políticas linguísticas e o pensamento de um país monolíngua, nos colocam em posição de luta constante por direitos como educação, saúde e autonomia social que passam pela diferença linguística entre a sociedade ouvinte e os surdos que usam a língua de sinais. Nesse sentido,

É justamente o caso do português e da Libras: nos documentos e no uso cotidiano, ao afirmar o monolinguismo vigente no país, a Libras não recebe menção. Porém, ao desfilar a abertura do país à diversidade, a Libras encontra seu lugar, estabelecendo a possibilidade de um bilinguismo monolíngua, ao mesmo tempo em que apaga outras línguas em uso no país (Cavalcanti e Silva, 2016, p.17).

Os surdos brasileiros são por direito bilíngues, uma vez que a lei que reconhece a Língua Brasileira de Sinais – Libras, também, afirma que ela não pode substituir a modalidade escrita do Português. Contudo, não se pode afirmar que o domínio de ambas as línguas seja uma realidade dos surdos brasileiros, uma questão detalhada em pesquisas como a de Fernandes (2006, 2009), entre outros. Procurar um equilíbrio entre o domínio das línguas em uma concepção estruturalista reforça o mito de língua única e dificultando a compreensão do bilinguismo existente no contexto da surdez, segundo Silva (2015). Essa dificuldade se estende a um pensamento confuso de que as dificuldades linguísticas são parte de sua deficiência, omitindo o fato de que sua educação e língua são negligenciadas.

Recomemos aos estudos postulados por Vigotski (1993) sobre a linguagem que, para além da comunicação, ela é uma função reguladora do pensamento, como tal, é mediada⁵; isto é, ela vai se desenvolver nas trocas com o meio. Pensando o contexto dos surdos no Brasil, que tem a Libras como sua primeira língua, mas está inserido em um meio que é mediado pela língua portuguesa, encontramos o primeiro desafio linguístico para escrita; o desenvolvimento da linguagem. Segundo Silva (2015, p, 575) alguns professores afirmam que “os surdos têm dificuldade na escola por não falar nenhuma língua”, justamente por essas crianças, em sua maioria, filhos de pais ouvintes que não usam a Libras e expostas a um meio linguístico baseado na oralidade, não apresentam um padrão estabelecido de desenvolvimento da linguagem.

Ensinar uma criança que não compartilha da sua língua não é uma tarefa fácil, entretanto, aprender uma língua de modalidade oral auditiva, mesmo que apenas na forma escrita, quando não se tem a audição é, também, um grande desafio. Encontramos na falta de compartilhamento da língua um segundo desafio, uma vez que para o ensino da leitura/escrita há “necessidade da Libras como língua em comum entre professores ouvinte e aluno surdo”, segundo a

⁵ Ressaltamos que para Vigotski não existe a figura central de um mediador, tudo que possibilitar que a criança consiga alcançar o desenvolvimento é o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação mediada; seja a família, professor, sociedade, locais, entre outros. Para uma melhor compreensão e aprofundamento sugerimos de suas obras: “Pensamento e Linguagem”, e “A Formação Social da Mente”.

pesquisa de Calvacanti e Silva (2007, p.220). O compartilhamento de língua compreende em o professor conhecer as especificidades do aluno, e entender a estrutura gramatical da Libras e sua importância como primeira língua. Estar preparado para propor intervenções metodológicas que de fato contemple as necessidades visuais que o aluno e sua língua requerem.

Ensinar a modalidade escrita de uma língua oral para alunos que não ouvem é desafiador, mas é completamente possível “se a metodologia empregada não enfatizar a relação letra-som como pré-requisito, mas recorrer, principalmente, a estratégias visuais, prioritariamente pautadas na língua de sinais” (FERNANDES, 2006, p.6). Nesse momento encontramos o terceiro desafio para apropriação da escrita pelos surdos: a diferença de modalidade entre as línguas. O aprendizado do surdo, conforme colocado pela autora, não passa por estabelecer relação letra som, da mesma forma que não faz sentido algum a silabação e outros recursos fonéticos. Igualmente impactante para o aprendizado são os elementos gramaticais visuais e espaciais da sua primeira língua. Nas palavras de Perlin, pesquisadora surda, podemos compreender o efeito de modalidade para o processo de leitura/escrita:

Quando se trata de pô-las no papel, de escrever meus pensamentos, eles são marcados por um silêncio profundo...Eu preciso decodificar o meu pensamento visual com palavras em português que têm signos falados. Muito há que é difícil ser traduzido, pode ser apenas uma síntese aproximada. Tudo parece um silêncio quando se trata da escrita em português, uma tarefa difícil, difícilíssima. Esse silêncio é a mudança? Sim, é. Fazer frases em português não é o mesmo que fazê-las em Libras. (Skiliar, 2008, p.34)

O efeito de modalidade, narrado pela surda é algo muito presente no processo de ensino-aprendizagem da língua oral escrita. Estabelecer correspondentes léxicos para elementos essencialmente visual é um obstáculo a ser superado, por vezes maiores que a compreender a estrutura frasal ou ter conhecimento vocabulário. Os elementos visuais é uma adversidade não só para escrita do surdo, mas também, para o registro de transcrição da Libras para o Português em pesquisas, entrevistas texto. Existem uma dificuldade partilha entre surdos e ouvinte que usam a Libras em escrever e/ou descrever movimentos, expressões corpo-faciais, referentes espaciais e muitos outros elementos da

gramática visual. Essa dificuldade foi descrita por pesquisadores que destacaram os seguintes pontos:

A dificuldade de se descrever narrativamente o que está sendo sinalizado com sinais manuais, expressões faciais e outras marcações não-manuais, e ao mesmo tempo produzir uma transcrição que ilumine a análise estrutural, tanto da frase quanto da construção de texto. Um dos problemas que se percebe é a dificuldade de se identificarem possíveis segmentos de discurso (frases ou orações), pelo fato de os sinais manuais serem apresentados linearmente, intercalados por comentários. Isso acarreta várias consequências para a análise, já que fenômenos importantes para uma análise textual, como repetições, paralelismos estruturais e subordinação, podem passar despercebidos. (McCLEARY, L; VIOTTI, 2006, p. 4)

A dificuldade da escrita não é uma exclusividade dos surdos, especialmente, no processo de escolarização, uma rápida análise dos indicadores e pesquisas vão nos afirmar que habilidade leitura/escrita fica a desejar na educação básica. Todavia, no contexto da surdez é preciso considerar, além de todos os desafios elencados e outros mais, a relação de poder, de centro/margem e colonial entre língua minoritária e majoritária. Na sociedade que valoriza a norma culta da escrita como pré-requisito para o sucesso social ou escolar, o lugar que as formas híbridas da escrita, ou seja, aquelas que negociam sentidos dentro de uma perspectiva democrática e plural, é muito reservado. Nesse sentido, Agha (2003) define que os processos que envolvem o registro escrito são aqueles pelos quais um repertório linguístico ⁶se torna singular, sendo ele a forma socialmente reconhecida.

A centralidade na forma gráfica e sua valorização; o gafocentrismo, segundo Cavalcanti (2004), é parte de uma das principais narrativas da sociedade, que o concebe como um elemento essencial. A centralidade da forma padrão na escrita ocupa um espaço predominante no currículo escolar que se estende as pessoas com surdez, mesmo que elas tenham o direito reconhecido legalmente de serem ensinados e avaliados com metodologias de segunda língua em relação ao português escrito, a escrita dos surdos são alvo de um estigma de erro. Essa marca imposta pelo gafocentrismo tenta se justificar atribuindo a Língua de sinais a culpa

⁶ Colocar o conceito de repertório?

da estrutura no registro apresentado pelos surdos, reforçando a ideia homogeneizadora do Português como língua soberana.

Existe um perigo em atribuir as características gramáticas da Libras ao suposto fracasso da escrita do surdo. Afirmar que o surdo escreve daquele ou desse jeito porque a língua de sinais não tem essa ou aquela categoria gramatical é negligenciar o papel fundamental da escola ensino da língua, além de reforçar uma tentativa de inferiorizar a língua viso-espacial. “Há um consenso entre escola e família de que os surdos não aprendem; mas a culpa nunca é da escola, o que é naturalizado, pelos próprios surdos” (Calvacanti e Silva, 2007, p.227). O reforço dos estigmas de que a sua língua não é suficiente e completa como o Português; por não ouvir é impossível dominar a língua oral, faz com eles sejam uma justificativa plausível para que, alguns surdos as reproduzam, conforme apresentado pelas autoras.

O domínio da leitura e da escrita no processo de ensino aprendizagem vai além da disciplina de Língua Portuguesa ela permeia o ensino de outras disciplinas e as formas de avaliação que são privilegiadas pela escola, demonstrando sua forma de controle. Contudo, o rigor investido nos modelos e métodos de ensino de língua renega ao aluno surdo a condição de não aprendiz, alimentando o círculo de estigmas. Essas práticas de ensino homogeneizadoras são, para nós, o último desafio para a escrita da pessoa surda, uma vez que elas partem da impossibilidade e não agregam a diferença tempo, espaço, cultura e língua. Negligenciando a possibilidade de acesso e uso a língua escrita de forma autônoma e crítica aos alunos surdos.

O cenário bilíngue que envolve a surdez está em uma constante busca pelo equilíbrio de aceitação e reconhecimento das línguas envolvidas, o que presenciamos hoje é o que Silva (2008) chamou de bilinguismo monolíngue. Dentro dos locais surdos onde a Libras é valorizada, ela se sobrepõe a língua majoritária na modalidade escrita, que é quase esquecida por completo. Enquanto nos espaços sociais que deveriam ser inclusivos a língua de sinais ocupa um papel mais parecido com uma arte bela para ser apreciada do que cumpre seu papel como língua de fato. Perpetuando as velhas crenças monolíngues, que “impõe muros entre a línguas, culturas, processos de construção de sentidos e territórios

imaginários do saber que privilegiam determinadas ideias em detrimento de outras” (MACIEL, 2020). Esse é o contexto conflituoso em que se apresenta a discussão do ensino da língua escrita, como um cabo de guerra de poder linguístico, de espaços determinados e distintos, tais quais os códigos para a visão estruturalista.

Nossa busca é por somar aos pensamentos de Gracia (2014) na procurar de rotas de fuga para práticas de ensino mais justa, que de forma alguma é desconsiderar o que foi construindo, mas “transcender as fronteiras linguística de línguas nomeadas⁷” (MACIEL, 2020). Nesse engajamento por despir das crenças e teorizações postas até aqui, procuramos de forma audaciosa, pensar a escrita e seus processos de registros pelos surdos por uma perspectiva translíngua dialogando com novos conceitos. Recorremos as palavras de Rocha (2020) apoiada em DElezi (1990) ao afirmar que precisamos acreditar, e que isso” significa suscitar acontecimentos mesmo que pequenos que escapem ao controle ou ainda engendrar novos espaços tempos mesmo de superfície e de volume resumidos”. Apoiados na autora, passaremos a apresentar os elementos espaciais da Libras com a intenção do início do diálogo com o conceito de repertório espacial, para assim iniciar uma nova discussão sobre os registros escritos.

O Uso do espaço na Língua de sinais: os elementos gramaticais não verbais

A língua de sinais diferencia-se das línguas orais justamente por sua natureza gestual visual. O espaço em frente ao corpo é utilizado desde como articulador dos signos linguísticos em um campo fonético, até uma estrutura frasal. Sendo assim, o uso de locais determinados, isto é, os mecanismos espaciais, na gramática da língua brasileira de sinais é fundamental na construção dos sentidos e significados. Ansiando a melhor compreensão do uso do espaço como parte importante da gramática e da comunicação em Libras pretendemos nessa seção

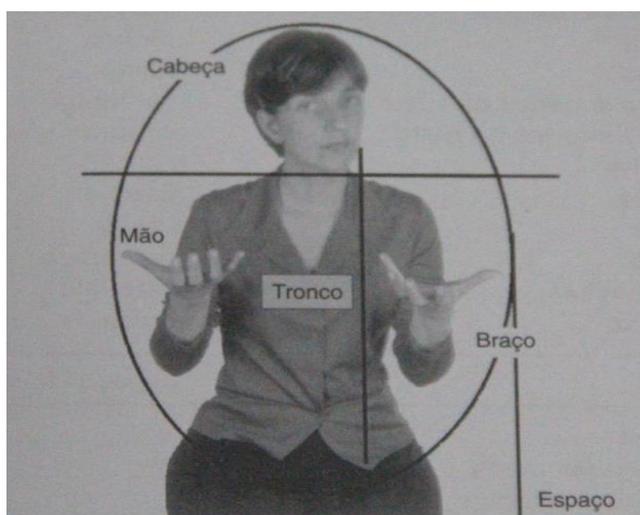
⁷ Segundo Otheguy, García e Reid (2015), a língua nomeada é definida pela afiliação social, política e étnica de seus falantes. Contudo, essa uma visão de quem assiste os bilingues, do ponto de vista interno do falante o que existe é um repertório linguístico único acessado durante o ato comunicativo.

apresentar brevemente a questão espacial, especialmente, na sintaxe, sem a pretensão de ser um estudo descritivo da gramática da Libras.

Para uma compreensão orgânica da importância espacial vamos apresentar alguns exemplos em diferentes níveis gramáticas da Libras. No nível análogo ao fonológico, as unidades mínimas que formam o sinal são os parâmetros, dentre eles o ponto de articulação é: “local onde o sinal é realizado podendo tocar uma parte do corpo ou no espaço neutro” (BRITO 1995). A autora ainda afirma que movimento é o mais complexo dos parâmetros e que é necessário que haja um objeto e espaço para ele ser articulado. No nível morfológico o espaço, pode ser um elemento de aglutinação para formação de um novo sinal segundo Felipe (2006) esse é um processo, algum ou alguns dos parâmetros de um ou ambos os sinais são modificados.

No nível sintático o espaço desempenha algumas funções e fundamentais no ato de fala que detalharemos a seguir, uma vez que são esses elementos que não encontram referentes nas línguas orais. Assim, podemos inferir que o espaço desempenha seu papel de acordo com o aspecto gramatical que evidencia no momento do ato de fala, e pode ser definido como sendo uma área que realiza a enunciação que engloba todos os pontos que as mãos consigam alcançar para articular os sinais em que os sinais são realizados (BRITO, 1995).

Figura 1 – Espaço de enunciação



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004.

O espaço de sinalização pode ser utilizado de duas formas: pelo uso descritivo ou pelo uso não descritivo, como previsto por Barberà (2012). Uma outra perceptiva Liddell (2000, p. 5), apresenta três tipos de usos do espaço nas línguas de sinais:

Espaço real: espaço mental real é a concepção do que é fisicamente real no ambiente em que ocorre a enunciação. São “reais” no sentido de referir às pessoas que estão fisicamente presentes no local e tempo da conversação. Espaço token: espaço em que se quer indicar entidades ou coisas representadas sob a forma de um ponto fixo no espaço físico, são entidades “invisíveis”. O espaço mental token se limita à representação da terceira pessoa. Espaço sub-rogado: é a conceitualização de algo acontecido ou por acontecer. É representado visualmente por uma espécie de encenação.

Alguns elementos das línguas orais como preposição, de conjunções e de verbos de ligação, não encontram um referente comum na língua visual, mas podem ser substituídos, segundo Brito (1995), por verbos direcionais, movimentos, direção de olhar e elementos referenciais dêiticos, que são elementos característicos nas línguas de sinais, e tem o uso do espaço como fator comum. Outros elementos gramaticais passam pela alocação espacial, são eles:

marcação de concordância durante o uso de verbos com concordância; uso dos elementos necessários para marcação auxiliar da ordem linear, topicalização e foco; uso de estruturas complexas (interrogativo, relativas e condicionais); uso de topicalização; uso de estruturas com foco e uso de marcação não-manual gramatical para realização de concordância; perguntas QU e sim/não; negação (STUMPPF, 2005, p. 25).

Os verbos, colocados pela autora, configura-se como uma classe gramatical que faz uso ostensivo do espaço para contemplar as noções de: pessoa, tempo e número. Existem três tipos estabelecido de verbos em Libras, destes, dois se destacam por suas características do uso do espaço. Os verbos direcionais, são aqueles que afixam informações relativas à pessoa, número ou aspecto (BRITO, 1995). Os verbos espaciais, semelhante aos direcionais, tem o espaço como articulador, sua diferença está no fato de que eles precisam, exclusivamente, de afixos locativos (BRITO, 1995). Recorremos a uma tabela sintetizadora para uma melhor compreensão da relação verbos e espaço em Libras.

Quadro 1: classes verbais e suas relações

Classes verbais	Corpo	Mãos	Espaço
-----------------	-------	------	--------

Verbos simples	Corresponde ao sujeito	Não codifica propriedades dos argumentos	-----
Verbos de concordância	1ª Pessoa	Codifica os papéis sintáticos e semânticos dos argumentos	Referentes a Não-1ª pessoa
Verbos espaciais	Ponto de referência espacial ou não envolvido	Codifica os papéis locativos dos argumentos	Localizações no espaço

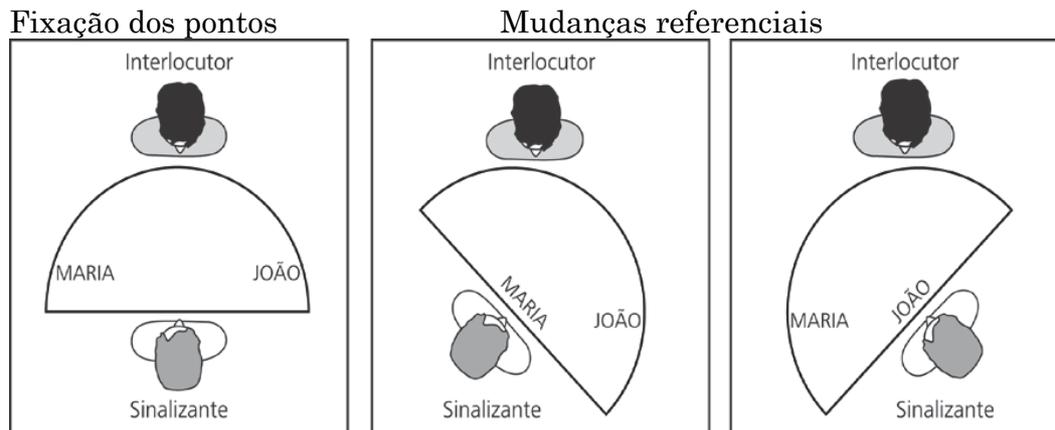
Fonte: Padden e Sandler, 2009, p.90.

Além dos verbos o sistema de referência dêitica em Língua de sinais está dentro do uso descritivo do espaço, sendo um elemento balizador para a estrutura frasal. Assim, para um referente presente no espaço apontamos para o local em que se encontra, isto é, para um referente ausente estabelecemos um local no espaço para apontarmos sempre que precisarmos o mencionar. A dêixis, pode ser de três tipos:

Dêixis de pessoa: ocorre quando usamos os pronomes pessoais de 1a. e 2a. pessoa - eu, você, nós, vocês. Dêixis de lugar: ocorre quando usamos palavras como aqui, aí, lá, este, esse, aquele, trazer, levar, vir, ir. Dêixis de tempo: ocorre quando usamos advérbios como hoje, ontem, amanhã. (MCCLEARY E VIOTTI, 2009, p. 49)

O sistema pronominal de referência dêitico em Libras contradiz a noção da teoria estruturalista da linguística em alguns pontos, especialmente, por ser essencialmente gestual e não possuir léxicos. Entretanto ele é importante para o sistema de construção frasal que tem como base a dêixis para alguns tipos de frases como: em foco, interrogativas, relativas, dentre outras, como mencionado por Stumppf, (2005). Outro aspecto da questão pronominal, consiste apenas na ligeira mudança do corpo do sinalizante ou na direção do olhar para marcação do referente (PIZZIO, REZENDE E QUADROS, 2009). A seguir temos um exemplo do sistema de referência pronominal, com o estabelecimento de referentes no espaço e uma movimentação espacial para alternar o referente.

Figura 2: sistema pronominal de referencial em Libras



Fonte: PIZZIO, REZENDE E QUADROS, 2009, p. 6

Existem outros elementos da gramática da Libras que tem um vínculo espacial predominante, os classificadores dentre outros possuem a mesma singularidade, mas que não apresentaremos neste texto. Os exemplos gramaticais da Libras até aqui elencados, não configuram a totalidade da sintaxe, tampouco da questão espacial, mas são suficientes para nos permitir estabelecer uma relação da questão espacial na língua visual com o repertório linguístico espacial, e discutirmos a construção de sentidos durante registro escrito desses elementos que tem por essência um local estabelecido, que diferente do geográfico, não denominado. Ressaltando que a língua portuguesa em sua modalidade escrita, mesmo que segunda língua, permanece como direito linguístico do surdo na legislação e meio de acesso os seus conterrâneos ouvintes.

Pensando a prática comunicativas como sendo fluidas e híbridas, a luz do “trans” podemos ver “os recursos verbais interagindo sinergicamente para gerar novas gramáticas e significados”. (2017, p.1). Construir sentidos a partir do uso de uma gramática espacial requer ir além da visão estruturalista fundamental da linguística. Assumir conceitos que transcendam o texto e o léxico, como o repertório espacial, possibilita pensar nas práticas de linguagem de forma fluídas

estabelecendo uma ordem não linear e comparativa entre as línguas, e sim, ontológica.

O uso e ensino do Português escrito para surdos, dentro de uma visão gafocêntrica que se estabelece na escola, se apoia na dificuldade de registro da espacialidade da Língua de sinais para reforçar a ideia errônea de inexistência de elementos conectivos e algumas classes gramaticais, como por exemplo a preposição, e assim, justificar a impossibilidade dos surdos as apreenderem. Essa concepção reducionista de línguas como códigos fechados e independentes, já foi superada pelas novas perspectivas da linguagem, incluindo a translanguagem que “transcende a ideias de línguas nomeadas, rompendo com projeto do monolinguismo, possibilitando de segundo Maciel (2020), Contudo, os estudos de Canagajarah (2017) apresentando o conceito de repertório espacial, nos direciona a pensar alternativas que incorporem locais as construções de sentidos, especialmente, nos registros desses locais na escrita.

Apresentam dificuldades semelhantes às dos surdos em relação ao uso de preposições, tempos verbais, sufixação, prefixação, concordância nominal e verbal, enfim, no que se refere aos componentes estruturais da sua organização, além dos aspectos pragmáticos e semânticos. Este fato ocorre independentemente de os mesmos estarem expostos, continuamente, através do canal auditivo, as realizações linguísticas que os cercam do mesmo modo que um falante normal (FERNANDES, 2015, p. 77).

Segundo Canagajarah (2017, p.2), “desafiando o paradigma estruturalista, os estudiosos estão se tornando mais sensíveis ao espaço como uma estrutura mais ampla para explicar a vida comunicativa e social”, corroborando com esse pensamento do autor, nos desafiamos a propor um estreitamento do conceito por ele proposto como repertório espacial e a espacialidade da língua de sinais como uma descrição linguística para além de modalidades.

Os conceitos de orientação e repertorio espacial em canagarajah e o diálogo com a questão espacial na Libras: caminhos para escrita

O conceito de repertório espacial foi objeto de pesquisa de Canagarajah (2017) ⁸que teve como objetivo discutir a o entendimento da prática translíngue em

⁸ Considerando que a nossa discussão se dá com um texto específico, quando nos reportarmos, nesta seção, as falas do autor no texto traremos apenas a página da citação..

uma perspectiva de orientação espacial. Ele publicou dados de sua pesquisa em andamento que teve como sujeitos de pesquisa estudiosos internacionais de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM) em uma Universidade do meio-oeste americano. Segundo o autor a respeito os participantes e dados para análise foram:

Os dados consistem no seguinte: entrevistas sobre as atitudes linguísticas e práticas comunicativas de 24 acadêmicos chineses; práticas de pesquisa e comunicação de um pesquisador sul-coreano de pós-doutorado em Biologia Molecular (a quem chamarei de Jihun1); práticas de alfabetização de um aluno turco de doutorado em entomologia (Gunter); e gravações de vídeo de quatro episódios de 1 hora de instrução em sala de aula de dois assistentes de ensino de matemática chineses.² As práticas comunicativas dos estudiosos coreanos e turcos foram estudadas por meio de observação em vídeo, entrevistas baseadas em discurso e documentação fotográfica, acompanhadas por uma análise textual de vários rascunhos de artigos publicados e outros gêneros escritos.

Os estudos buscaram compreender as diversas práticas semióticas e multilíngues dos participantes, em momentos de a aprendizagem, socialização e práticas profissionais. Compreendendo que as palavras têm significados que são situados no tempo e no espaço. Para essa conceptualização o autor se apoia em Agha (2003) e seu princípio da indicialidade, que consiste que o valor de significado é singular para quem produz e para quem recebe, e são determinados pelo contexto e modificados pelo fator espaço/tempo. A autora exemplifica dizendo que um gesto de aceno, significa de uma forma para conhecidos que se cruzam na rua, diferente do que entre chefe e subordinado em uma reunião de trabalho.

Estabelecendo um diálogo do princípio proposto pela autora, com o postulado por Vigotski, os significados são mutáveis e se desenvolvem no decorrer da vida do indivíduo, o autor afirma que “Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas ao contrário é a expressão que organiza a atividade mental, que modela e determina sua orientação” (Vigotski,1998, p. 112). A concepção histórico-cultural entende que a língua é a relação dialética entre a ideologia e o psiquismo. A orientação translíngue, local do qual emerge nossa discussão, amplia essa concepção em algumas dimensões, porém, a mais cara para o contexto de análise deste texto, está quando ela percebe a condição do sujeito bilíngue.

A língua como o espelho das características sócio históricas de uma comunidade, refletem sistemas semióticos que são produzidos em um contexto social e dialógico, essa conclusão Vigotskiana, nos permite inferir que as necessidades linguísticas emergem socialmente, para além dos códigos e convergem na consciência individual. Assim, o significado que crianças de diferentes condições sociais: classe, língua, local de origem, entre outros; atribuem as palavras são determinadas pelo meio, o que Vigotski (1.993) denominou de dialética indissolúvel, o individuo é formado ideologicamente a partir de seu contexto social. Ao propor um olhar não cartesiano para as práticas de linguagens que agregam os recursos espaciais e semióticos, Canagarajah (2017) vai buscar em Silverstein (1985) chamar nossa atenção para:

O fato linguístico total, o dado para uma ciência da linguagem é de natureza irreduzivelmente dialética. É uma interação mútua instável de formas de signos significativas, contextualizadas para situações de uso humano interessado e mediadas pelo fato da ideologia cultural. (p.4)

A esse respeito o autor nos convoca a refletir sobre a distinção entre o texto e o contexto. Ora, se o a texto é determinado pelo contexto, logo, ele é parte inerente e não distinta desse meio/contexto. O autor ainda afirma que o fato linguístico total envolve formas para além dos recursos verbais nas quais as relações tempo/espço constituem parte integrante da comunicação, que denominou de orientação espacial da prática translíngue. “A comunicação transcende as palavras e envolve diversos recursos semióticos e recursos ecológicos” (Canagarajah, 2013, p. 6), nesse sentido que começamos a pensar as formas de registros desses recursos diversos, não verbais, de forma socialmente aceita.

A orientação espacial concebe que as palavras são significantes móveis localizados no espaço e no tempo, e por esse motivo pessoas fluentes podem ser incapazes de realizar atividades relevantes em uma língua (CANAGARAJAH, 2017). Essas inconsistências, segundo o autor, podem ser explicadas a partir da possibilidade de os bilíngues formarem, compartilharem e construírem sentidos apenas ao contexto de seu interesse (princípio da indicialidade). Durante sua pesquisa, Canagarajah (p.5) constatou que seus sujeitos eram capazes de usar “esses indexicais deslocados do resto da estrutura da linguagem porque encontram sua coerência em localizações espaciais em atividades específicas”. Os surdos

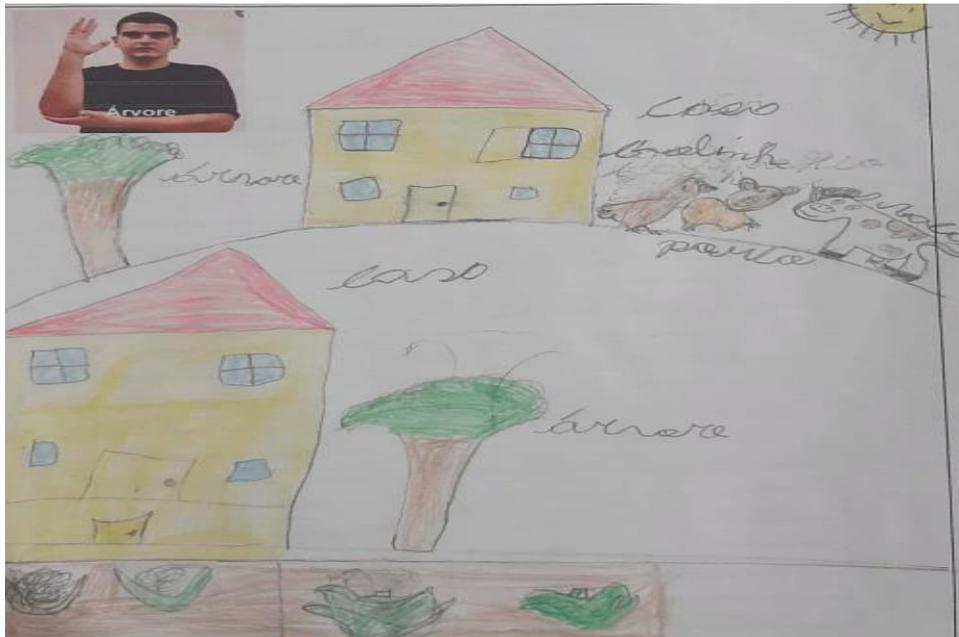
fazem algo da mesma natureza, muito embora não possuam diferença de nacionalidade, como por exemplo, quando descrevem expressões faciais, ou repetem advérbios de local “aqui, ali” para indicar as formas dêiticas em seus registros escritos.

Hoje escola ir não. Doente médico cara muita dor falou febre. Remédio boca, engolir depois sumir. (mensagem enviada por whatsapp pelo participante de pesquisa, aluno do 6ª ano)

A primeira frase da aluna marcada pela falta de elementos gramaticais do Português, indica os indexicais do uso do espaço de sinalização. Na língua de sinais, o referente escola é fixado no espaço, o sinal do verbo andar faz um deslocamento até o referente indicando o deslocamento (verbo ir e para onde), enquanto a negação é feita simultaneamente com a cabeça. Logo após a aluna descreve a expressão facial do adjetivo doente, uma vez que o advérbio de intensidade é dado, na maioria das vezes, pelo tensionamento da expressão corpo-facial. Em seguida ela descreve uma sequência de elementos espaciais para construir o sentido comunicativo de “tomar remédios para sarar”, ela recorre a palavras da língua indexicando elementos que, apesar de fugir as estruturas rígidas das regras de escrita, encontram coerência na espacialidade da língua de sinais.

A seguir, apresentamos o registro feito por uma aluna surda quando solicitado a ela para que ela nos apresentar o que ela aprendeu em sua aula de geografia. Na ocasião o professor havia explicado sobre zona rural e zona urbana. No registro da aluna identificamos outras estratégias da espacialidade descrita pelo autor: Multilinguismo truncado, como contraponto do idioma completo; os repertórios espaciais despreendendo da gramática; ontologia plana no lugar da hierarquia linguística e Simultaneidade em camadas das línguas envolvidas.

Figura 2: conceito de zona rural



Fonte: Aluna participante da pesquisa 5º ano.

A estratégia aplicada pelos bilíngues quando recorrem a palavras de diferentes línguas para se cumprir do ato comunicativo, conforme o exemplo acima, segundo o autor seguem, também, o princípio de indicialidade, pois algumas palavras indexam certos lugares e comunidades e desenvolvem identidades como línguas distintamente rotuladas (p.9), no exemplo temos a palavra casa em Libras sendo usada como indexical de zona rural, pois encontra sua coerência na espacialidade. Assim, as palavras e os sinais e a estruturas da Libras e do Português se entrelaçam na construção de sentidos dos surdos, isto porque, segundo o autor, para esses sujeitos os “recursos comunicativos encontram coerência em termos da ecologia espacial, não necessariamente em termos de estrutura gramatical” (p.7).

Nesse ponto da discussão podemos definir repertórios espaciais em Canagrajah ⁹(2017, p.9) como:

repertórios além do linguístico para incluir todos os recursos semióticos possíveis, inseridos na ecologia material e facilitados por redes sociais. Os repertórios espaciais são uma alternativa à gramática para a análise da construção de significado e do sucesso comunicativo.

⁹ Ressaltamos que o autor enfatiza que essa é uma definição modificada do conceito proposto por Pennycook e Otsuji (2015, p. 83) que defini repertórios espaciais como: os repertórios formados por meio da trajetória individual de vida para os lugares particulares em que esses recursos linguísticos estão implementados.

Considerando o conceito e o objetivo desse texto que é construir um diálogo com a questão espacial da Libras evidenciamos um ponto paradoxal que pode ser divergente na relação língua oral / língua sinalizada, e oportunamente ressaltamos que essa é uma visão situada que pode ou não ser partilhada por outros pesquisadores. Quando o autor afirma ser uma alternativa a gramática podemos conceber sob duas óticas: a primeira é que o uso do espaço na Libras, diferente do proposto, é gramatical¹⁰, esse seria o ponto divergente. A segunda, consiste em pensarmos além das línguas nomeadas envolvidas, em que a modalidade escrita é parte do repertório linguístico, então, o repertório espacial composto por línguas de diferentes modalidades podem ser uma alternativa não pertencente a gramática para construir sentido no ato comunicativo.

Na análise dos seus dados, o autor estreita o diálogo com a Língua de sinais quando no ato de fala de seus participantes de pesquisa, pra garantir a comunicação, eles recorrem a elementos dêicticos, veja no recorte o exemplo e explicação apresentadas, começando com a transcrição do discurso do participante, seguidos das análises explicativas do pesquisador para as marcações no texto.

Então se ligarmos esta (velocidade) campo como <PAUSANDO PARA ESCREVER> campo vetorial conservador ou campo vetorial irrotacional. O que ele usou principalmente foram dêicticos como aqui / ali e isto / aquilo (conforme sublinhado acima). (p.7, 8, grifos do autor)

Os participantes da pesquisa recorrem ao uso do espaço, embora seja entre línguas orais, segundo o autor uma das possibilidades para uso dessa estratégia espacial seja pela falta de domínio de construções sintáticas mais complexas da língua que não sua primeira. No que tange aos surdos, as questões dêicticas são parte de sua gramática, o uso da apontação de lugares estabelecidos e pessoas exercem o efeito oposto, ou seja, no ato de fala os elementos dêicticos são facilitadores de comunicação além de itens gramáticas da sua língua. Contudo, no processo de registro é comum a repetição ou omissão desses elementos, por

¹⁰ Ressaltamos que existem elementos espaciais sinais, durante o ato comunicativo entre surdos e ouvintes que não sabem Libras, que não são gramáticas na língua de sinais, ou seja, não possui valor de significado lexical ou sintático. São exemplos: apontar o relógio pra saber a hora, para a mesa de uma pessoa para perguntar se ela está, entre outros. Contudo, essas características não fazem parte do nosso objeto de reflexão sobre escrita do repertório espacial.

desconhecer em complexidade a gramática do Português. Um exemplo, desse uso prescritivo dos elementos espaciais na escrita:

Eu¹¹ gosto muito ter amigas, agora difícil. Gosto mais Juliana porque sempre calma. Não gosto Mariana ela sempre briga. Fala, fala, fala muito bobagem. (sujeito1, aluno do 5ºano).

Na escrita da aluna surda, quando diz “gostar mais da Juliana”, ela não menciona em sua escrita um referente comparativo, compreenderemos que ela gosta mais da Juliana do que da mariana apenas na oração seguinte, isto porque, em Libras os referentes presentes são apenas apontados ou olhados, como era o caso da aluna no momento da escrita. Ela definiu os referentes com o olhar voltado para o local no qual as amigas se encontram, esse processo foi omitido na escrita justamente por ela não ter domínio das construções sintáticas do Português, mas também, porque os recursos espaciais não possuem valor gramatical na língua oral, ficando negligenciado o seu uso como parte da construção de sentidos e do repertório linguísticos dos bilíngues, e isso, independe da modalidade de língua, conforme no que nos apresenta Canagarajah.

Outro elemento do repertório espacial encontrada no registro da aluna é a repetição da palavra “fala”, uma construção espacial comum na língua de sinais na qual você incorpora o adverbio de intensidade na palavra repetindo ostensivamente o sinal, que por sua vez é realizado no local estabelecido para o referente. Logo, somente pela escrita não podemos afirmar com quem a Mariana briga e para quem ela fala bobeira, a hipótese é que seja para a aluna que narra, muito embora, possa ser com a Juliana ou com outros referentes que não foram nomeados do registro, uma vez que essa informação está contida na direcionalidade do sinal no espaço para o referente que sofre a ação. Contudo, a estratégia performativa de escrita empregada pela aluna demonstra a dinamicidade em trabalhar com sistemas semióticos em expansão. Apontando a necessidade na “mudança de escrita normativa, em práticas de linguagem, construindo coletivamente uma comunidade que vá desafiar a norma posta” (p.10).

¹¹ Todas as contribuições de sujeitos utilizadas no artigo fazem parte da pesquisa de doutorado em andamento e foi submetida ao conselho de ética da UFMS. Lembrando que os nomes foram trocados para preservar a identidade dos sujeitos que participaram da pesquisa.

Assim, a habilidade do registro escrito é de ordem performativa e não representacional. No decorrer da pesquisa, o estudioso percebeu que o registro visual como gráficos, imagens, entre outros agrega mais facilmente a orientação linguística espacial. Ainda que “o modelo visual não apenas transmite ideias pré-construídas ou complementa palavras, mas é ele próprio agente na formação do pensamento e da comunicação” (12). Durante sua observação um dos participantes após fazer sua apresentação visual em forma de gráfico mudou seu pensamento em relação a sua pesquisa. O autor traz um trecho da entrevista sobre os modelos feitos para apresentação pelo participante:

Algumas vezes tiramos coisas e mudamos um pouco. Porque deixou de fazer sentido quando você colocou na figura. Você vê que não faz sentido. Fazia sentido quando eu disse isso, mas depois que você vê tudo junto, não faz mais, então você muda as coisas. (p.11)

Essa é uma experiência partilhada com surdos uma vez que os recursos visuais, pela ausência do recurso sonoro, é a principal via para construir sentidos e atribuir significados. A inauguração recente do campo de pesquisa sobre a pedagogia visual (2008) que se dedica aos estudos dos elementos visuais, culturais e linguístico na educação da pessoa surda. Esse espaço investigativo colabora com os dados que subsidiam o conceito de repertório espacial proposto e evidenciado pelo autor, especialmente, em relação a materialidade da imagem como formadora do pensamento é o principal *corpus* da pedagogia visual.

Segundo a pesquisadora surda Campello (p.123) a contribuição desse campo de estudo consiste em “compreender que não é possível descrever, na visualização de nossa comunicação, a acuidade visual de cada imagem, cada sinal mostrado no espaço visual-espacial.” Converging com o proposto pelo pesquisador, o fato de o pensamento e a comunicação, tanto dos surdos quanto dos ouvintes por ele pesquisados, serem moldados por recursos materiais espaciais não significa que lhes faltaram agência (p.17), e sim, que esses recursos são agentes de seus repertórios linguísticos.

A aproximação entre ao conceito proposto e a espacialidade da língua de sinais ratificam que as estratégias linguísticas de bilíngues se assemelham independente da modalidade de língua. Todavia, a modalidade viso-espacial além

de acomodar os resultados investigativos do autor dimensiona para outros modelos e recursos semióticos, espaciais e corporais na construção de sentidos não só nas práticas de linguagem e na ampliação do repertório linguístico, mas também, para o processo de aprendizagem e registro das línguas nomeadas. Nesse momento, ambas perspectivas buscam descentralizar as categorias linguísticas de uma visão fonocêntrica e grafocêntrica para situar conceitos a partir de recursos visuais nas interações comunicativas no espaço e no tempo acomodando assim, a adversidade e a imprevisibilidade do ato comunicativo. (p.3)

Outra estratégia utilizada pelos sujeitos da pesquisa de Canararajah para a escrita de recurso tempo-espaciais, foi a utilização do que ele denominou como bricolagem, que consiste em, utilizar de outros textos já conhecidos, recorrer a mediação espacial, multimodal e com sua primeira língua como o banco de dados para seus registros na sua segunda língua. Dentro desse recurso o autor citou conversa com os pares em primeira língua, textos impressos sobre o assunto em ambas as línguas, além do uso de um dicionário que era consultado sempre que necessário.

Essa estratégia, descrita por Canagarajah (2017) é sugerida por autores de ensino de língua portuguesa para surdos como Fernandes (2006), as pesquisas apontam que “quanto mais insumos, isto é, contextos linguísticos e situações extralinguísticos forem ao aprendiz apresentados melhor será o resultado” Salles (2014, p.18). Contudo, essa e outras estratégias são omitidas nos processos de ensino-aprendizagem, uma hipótese é de que elas não são parte da visão estruturalista de ensino de línguas adaptadas pela sociedade e, conseqüentemente, pela escola. Nesse sentido, recorreremos as palavras do autor quando afirma que “embora essas práticas translínguas ocorram em locais seguros e protegidos, longe da vigilância ou interações de alto risco, não devemos subestimar seu potencial transformador (p.18)”.

Identificar as estratégias translínguas de engajamento de um repertório espacial dos sujeitos bilíngues sugere com novos modos de conceber “conexão mente-corpo-mundo envolvida na construção de significado e aprendizagem de línguas” (p.19). O autor afirma que não lançamos mão, durante o ato comunicativo, de toda gramática do código exigido, mas realizamos o alinhamento de diversos

recursos e condições contextuais para construir o significado. Assim, o registro escrito, tanto de surdos quanto de outros bilíngues, que passam por uma orientação espacial requer que seus modelos de ensino compreendam todas as possibilidades multimodais de acesso a língua, em especial, a modalidade escrita da língua. A seguir apresentamos um quadro de possibilidades de recursos visuais de registro da palavra casa.

Figura 3- Possibilidades de registro da palavra casa para alunos surdos



Fonte: Bomfim, 2017, p.64

No exemplo da figura acima, as formas visuais de recursos nos mostram as possibilidades de registro que podem ser acessadas pelos surdos que somados escalas de espaços se alinham em camadas na construção de seu texto, como podemos verificar no exemplo da figura 2. Essa é uma estratégia denominada pelo autor com entextualização¹². Assim, como os bilíngues de línguas orais, os surdos buscam meios para além dos significados determinados, recorrendo a formas de registro estratégicas, responsivas e criativas. Eles recorrem a todos os recursos da

¹² O termo entextualização indica como os recursos sociais, espaciais e materiais se reúnem na montagem de textos (Kell 2010).

espacialidade já presente em sua língua para compensar suas limitações gramaticais, de forma “engenhosa por meio de posicionamento estratégico” (p.20), parte de todo seu repertório linguístico espacial.

Pautado em todas as estratégias comunicativas espaciais registradas pelos seus sujeitos de pesquisa, o autor, nos propõe a pensar na mudança de uma visão estruturalista de se conceber a língua para uma orientação espacial, “para transcender o binário texto /contexto, acomodando recursos através do espaço como forma de construir os significados” (p.17), o que agrega um novo sentido a definição de translinguagem proposta em seu texto como base teórica. A orientação espacial é compreendida por:

Os estudos de multimodalidade tratam os agentes humanos como tendo o poder de implantar recursos semióticos como quiserem para seus fins; a orientação espacial teoriza que os objetos no ambiente também moldam os atores humanos. Nos estudos de multimodalidade, há uma tendência de invocar e interpretar os valores, significados e estruturas predefinidos de cada modalidade separadamente; orientação espacial trata o significado como emergente em relação aos diversos conjuntos como um 'conjunto' (Kress 2009) que moldam uns aos outros. Os estudos multimodais explicam os recursos semióticos como indexadores e motivados por representações cognitivas; a orientação espacial considera os recursos como performativos, gerando significados na atividade. (p.12)

Nesse sentido procuramos estabelecer um diálogo, não só pelo ponto convergente da espacialidade entre a orientação proposta e a língua de sinais, mas buscando uma possível contribuição, sem pretensão de ampliar o conceito do autor. A modalidade visual- espacial nos convida a pensar que não são apenas os objetos no ambiente que moldam os atores humanos, mas que fato linguístico total pode ser construído, moldados e significados a partir da espacialidade como parte de uma gramática espacial. Agregando ao princípio da indicialidade além do fator espaço/ tempo, os fatores movimento e expressões corpo-faciais para construção do significado. Ressaltamos que não estamos concebendo a expressões como parte dos recursos semióticos não verbais, mas sim como um fator determinante para se construir significado e negociar os sentidos entre línguas nomeadas.

Entendemos junto com o autor que a orientação espacial passa por “alinhar diversos recursos semióticos e espaciais para uma atividade comunicativa bem-sucedida” (p.19), seja ela escrita, sinalizada, falada. Dessa maneira, a proposta do autor pode contribuir com a concepção social e educacional a respeito do uso das línguas pelos surdos bilíngues. Bem como, as estratégias por eles empregadas, por sua primeira língua ser de modalidade viso-espacial, podem contribuir com as pesquisas sobre o conceito de orientação espacial, especialmente porque Canagarajah afirma que a “limitação da minha abordagem é que, por razões práticas, minha coleta de dados foi circunscrita a configurações limitadas. Podemos precisar de coleta de dados em vários locais” (p.21).

Assim, desenvolve-se nos usuários da língua de sinais um modo novo e extraordinariamente refinado de representar o espaço; um novo tipo de espaço, um espaço formal, que não tem análogo entre nós, que não sabemos usar essa língua. Isso reflete um desenvolvimento neurológico totalmente inusitado. É como se nos usuários da língua de sinais o hemisfério esquerdo “assumissem” a esfera da percepção visual-espacial, modificando-a, aguçando-a de um modo sem precedentes, conferindo-lhe um caráter novo, altamente analítico e abstrato, possibilitando uma língua e uma concepção visuais. (SACKS, 2010, p. 84).

A descrição do uso do espaço feita pelo autor reforça nosso pensamento e une, ainda mais, a concepção proposta por Canagarajah a modalidade da língua de sinais, conseqüentemente, a condição linguística do surdo bilíngue. A possibilidade de uma concepção de língua visual desafia a lógica tradicional e cartesiana, “a espacialidade é tudo o que uma orientação estruturalista tem tentado evitar” (p.3). Sendo assim, a experiência surda é a materialidade social e educacional da contradição entre a concepção de língua posta e a realidade de aprendizes engajados em práticas não convencionais almejando o bilinguismo tal como lhes cobram: gafocentrio, fonocentrico e com regras rígidas dos códigos.

A orientação espacial translíngue confronta, exatamente, as posturas metodológicas e analíticas de conceber as estratégias linguísticas. Ela nos convida a considerar todos os recursos que desempenham um papel significativo na atividade comunicativa e nos desafia em como podemos manter outros contextos e recursos como parte de a análise. Portanto, diante da discussão feita, acreditamos que o diálogo com a orientação espacial é um caminho que pode ser percorrido na

busca do aprendizado da língua portuguesa em sua modalidade escrita, justamente, por abraçar as características sociais, gramaticais e identitárias da Língua de Sinais.

Considerações iniciais

Iniciamos este texto com o objetivo de discutir o conceito de orientação e repertório espacial em um diálogo com os elementos espaciais da gramática da Libras, acreditando que esse percurso teórico nos proporcionaria novas concepções de uso e ensino a respeito das estratégias de registro utilizadas pelos surdos, considerando o conjunto multimodal de recursos semióticos como parte da construção de sentidos e apropriação da língua majoritária. Podemos inferir que cumprimos o objetivo quando descrevemos a partir dos dados que os surdos bilíngues lançam mão das mesmas estratégias linguísticas e acessam um repertório espacial que inclui os elementos espaciais semióticos possíveis para análise e construção de significados de forma eficiente durante o ato comunicativo.

Apontamos que a condição bilíngue dos surdos usuários de uma língua de modalidade viso-espacial além de indexar as estratégias espaciais e os princípios de significação da orientação espacial proposta pelo autor, ela direciona para ramificações que podem ampliar a tentativa de conceituar a espacialidade dos recursos linguísticos em uma abordagem translíngue. Essa hipótese inicial é evidenciada neste texto quando pontuamos novos princípios construir significados que podem ser determinados, também, de fatores como as expressões corpo-faciais e o movimento de objetos e pessoas em um espaço determinado.

Diante do exposto buscamos contribuir com a discussão teórica aqui apresentada no sentido de ampliar o diálogo entre os estudos mais recentes de descrição linguística e a língua de sinais, galgando passos no caminho trilhado por outros pesquisadores durante anos, na busca por uma equidade linguística e comunicacional para surdos. A contribuição prática deste texto está no engajamento por práticas e estratégias linguísticas que garantam aos alunos surdos o acesso, que lhes é de direito, a língua majoritária em sua modalidade escrita de forma distante de modelos impositivos que ignoram os fatores culturais, sociais e ideológicos de sua formação enquanto indivíduo visual da linguagem.

Acreditamos que "a principal função da linguagem é a de intercâmbio social: é para se comunicar com seus semelhantes que o homem cria e utiliza os sistemas de linguagens" (Vigotski, 2002, p. 42). Sendo assim, todo e qualquer sistema desenvolvidos pelos sujeitos para construir sentidos durante o ato comunicativo deve ser validado como parte inerente de seu desenvolvimento linguístico e socialmente aceito. Os recursos semióticos, espaciais, movimento e expressão que são parte do repertório linguístico espacial dos bilíngues e estão presentes em suas estratégias de registro da língua, se constitui em um mecanismo de linguagem por eles criado, que não pode ser ignorado ou negligenciado em processos de análise, aprendizagem, valorização linguística e avaliação.

Nesse ensejo, a discussão desenvolvida apresenta algumas limitações, a primeira de ordem metodológica uma vez que elegemos para análise apenas um texto, sendo assim não fizemos um aprofundamento nas demais estratégias espaciais presentes nos conceitos apresentados que podíamos em outros autores. A segunda de natureza teórica na medida que não discutimos sobre elemento corpo, proposto na orientação espacial e presente na gramática da Libras. Em ambos os casos, por não encontrarmos espaço no texto para um aprofundamento, uma vez que o formato nos limita a centralidade do tema, e as limitações nos requerem fôlego teórico, por isso, acreditamos ser ramificações dialógicas das considerações aqui apresentadas.

Nesse sentido, as pesquisas futuras encontram nas fragilidades apresentadas lacunas passíveis de repostas que podem encontrar aporte teórico na discussão inicial aqui apresentada. Os indícios investigativos inventariados precisam de apontamentos e aprofundamento científicos, com pesquisas que contribuam para novas concepções de uso e ensino de línguas que tragam possibilidades reais de aprendizado e uso da escrita por surdos, em uma tentativa concreta de oportunizar o que lhes foi omitido durante anos. Em síntese, não se trata de separar as línguas, nem sequer distanciá-las por sua diferença de modalidade, para se fazer justiça linguística seja nos processos sociais ou de ensino-aprendizagem é necessário “nos despir do discurso de poder”, Rocha (2020), e naturalizar como forma legítima a multimodalidade nos recursos linguísticos.

Portanto, discutir o conceito de orientação e repertório espacial em um diálogo com os elementos espaciais da gramática da Libras em uma perspectiva translíngue nos convidou a perceber que não existe um equilíbrio entre as línguas, mas sim uma planificação, garantindo ao bilíngue a escolha que lhe confere mais segurança e produza significado em contextos determinados. Desse modo, o repertório linguístico espacial é um elemento balizador na interação e aprendizagem dos surdos, e não apresenta nenhum risco a forma padrão da língua oral, mas para se ampliar e melhor aproveitar esses repertórios linguísticos é necessário deixar a visão estruturalista de se conceber as línguas, bem como aceitar as formas híbridas de linguagem e todos os recursos a ela associado.

Referências

BOMFIM, Duanne Antunes. **O processo de alfabetização de surdos nos anos iniciais do ensino fundamental**: uma análise sob a perspectiva de professores. 2017. 183 p. Dissertação (Mestrado Profissional) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina, 2017..

CAVALCANTI, M. C.; SILVA, I. R. “Já que ele não fala, podia ao menos escrever...”: O Grafocentrismo naturalizado que insiste em normalizar o Surdo. *In*: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). **Linguística Aplicada**: suas faces e interfaces. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

CAVALCANTI, M. C.; SILVA, I. R.; Práticas transidiomáticas em um cenário surdoouvinte e ideologias de língua. **Revista da Anpoll**, n. 40, p. 33-45, Florianópolis, jan./jun. 2016.

SILVA, Ivani Rodrigues. Educação Bilíngue para Surdos e valorização de línguas minoritárias. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 2, p. 574-583, maio/ago. 2015.

SILVA, I.R. Quando ele fica bravo, o português sai direitinho; fora disso a gente não entende nada: contexto conceitogoe na surdez e o reconhecimento das línguas no seu entorno. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 47, n. 2, p. 393-407, 2008.

FERNANDES, Sueli F. **Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos**. Curitiba : SEED, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 6ª edição. Trad. José Cipolla Neto, Luis S. M. Barreto e Solange C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Recebido em: 12 de janeiro de 2024.
Aprovado em: 01 de fevereiro de 2024.
Publicado em: 29 de fevereiro de 2024.

